

HORÁRIOS DE MISSAS E OFÍCIOS

		Lisboa Capela São Pio X		Fátima C. do Im. Coração de Maria
Domingo 25/02 2º de Quaresma	◆ 09:00 10:30 11:00	Missa rezada Terço e Confissões Missa cantada	17:30 18:00	Terço e Confissões Missa rezada
Segunda 26/02 da Feria	◆ 18:30 19:00	Terço Missa	09:00	Missa
Terça 27/02 da Feria	◆ 07:15 18:30 19:00	Missa Terço Missa		
Quarta 28/02 da Feria	◆ 07:15 18:30 19:00	Missa Terço Missa		
Quinta 01/03 da Feria	◆ 07:15 18:30 19:00	Missa Terço Missa		
Sexta 03/03 da Feria	◆ 18:30 19:00 20:00	Via Sacra Missa Hora Santa	21:30 22:15 23:00	Missa Conferência Vigília de Reparação aos Dois Corações
Sábado 03/02 da Feria	◆ 17:30 18:30 19:00	Catequese e Confissões Terço e Confissões Missa + Meditação dirigida	05:30 10:30 11:00 11:30	Missa Confissões Terço e Confissões Missa + Meditação dirigida
Domingo 04/03 3º de Quaresma	◆ 09:00 09:30 11:00	Missa rezada Terço e Confissões Missa cantada	17:30 18:00	Terço e Confissões Missa rezada
Segunda 05/03 da Feria	◆ 18:30 19:00	Terço Missa	09:00	Missa
Terça 06/03 da Feria	◆ 07:15 18:30 19:00	Missa Terço Missa		
Quarta 07/03 da Feria	◆ 07:15 18:30 19:00	Missa Terço Missa		
Quinta 08/03 da Feria	◆ 07:15 18:30 19:00	Missa Terço Missa		
Sexta 09/03 da Feria	◆ 07:15 18:30 19:00 20:00	Missa Via Sacra Missa Catequese para adultos		
Sábado 10/03 da Feria	◆ 17:30 18:30 19:00	Catequese p/ crianças Terço e Confissões Missa		
Domingo 11/03 4º de Quaresma	◆ 09:00 10:30 11:00	Missa rezada Terço e Confissões Missa cantada	17:30 18:00	Terço e Confissões Missa rezada

No 65 — FEVEREIRO 2018



O Farol

BOLETIM BIMENSAL DO PRIORADO SÃO PIO X — LISBOA

Caros amigos,

A revolução na Igreja continua o seu avanço a passos agigantados: não há um dia sem notícias de algum escândalo para a Fé ou a Moral, vindo de Roma, ou de qualquer ponto da Orbe...

Já Paulo VI, num desses acessos de lucidez que teve em relação à crise da Igreja, da qual for um dos principais artífices, disse: "Por alguma brecha a fumaça de Satanás entrou no templo de Deus: existe a dúvida, a incerteza, a problemática, a inquietação, o confronto." (Papa Paulo VI no discurso em 26 de junho de 1972).



Entrou a fumaça de Satanás no templo de Deus, e pelos vistos, não saiu ainda. Os nossos Pastores supremos parecem cegos a guiar cegos. Chegaram os tempos que descrevia São Paulo: "Porque vai chegar um tempo em que os homens não suportarão a sã doutrina, mas, sentindo cócegas nos ouvidos, reunirão em volta de si mestres conforme suas paixões. Deixando de ouvir a verdade, eles se voltarão para as fábulas." (2Tm. 4,3-4)

Neste boletim, mostraremos de onde veio a tal fumaça: da seita maçónica, que conseguiu a impor a suas teses à favor do Concílio Vaticano II.

No que nos diz respeito, continuamos com a calma das velhas tropas: «De tua parte, sê em tudo senhor de ti mesmo, suporta o sofrimento, faz o trabalho de pregador do Evangelho, cumpre inteiramente teu ministério» (2Tm. 4, 5).

Responsável da Publicação: Sr. Padre Samuel BON - TELEFONE [+351] 218 143 591

Priorado São Pio X, Estrada de Chelas 29-41, 1900-148 LISBOA, Portugal - www.fssp.es/pt

Pe Samuel Bon, FSSPX

O ANTICONCÍLIO MAÇÔNICO DE NÁPOLES

Em 8 de dezembro de 1869 abriu-se em Roma o 1º Concílio do Vaticano. No mesmo dia, Giuseppe Ricciardi, deputado da Sabóia, inaugurava em Nápoles o “Anticoncílio Maçônico”, ao qual aderiram maçons de toda Europa. Destacam-se Victor Hugo, Edgard Quinet, Michelet e notadamente Giuseppe Garibaldi, o homem da destruição do poder temporal dos Papas. Pio IX tencionava firmar a Fé do povo católico contra o Racionalismo e o Naturalismo, implantados pela Revolução Francesa. A Maçonaria pretendia obviar a obra de Pio IX. Ricciardi sintetiza a tarefa do Concílio Maçônico nesta frase: “à cegueira e à mentira representadas pela Igreja Católica, particularmente o Papado, fazia-se uma declaração de guerra perpétua em nome do sagrado princípio da liberdade de consciência”.

Dia 16 de dezembro de 1869 o Concílio maçônico publicava suas resoluções: autonomia do Estado face à Religião, abolição da Religião de Estado, neutralidade religiosa do Ensino, independência da Moral diante da Religião.

A revista italiana católica “Chiesa viva” em seu número de novembro de 1984 dá o seguinte balanço, ao relacionar o anticoncílio maçônico de 1869 e o 2º Concílio do Vaticano, realizado menos de um século depois:

“A quem considera, entre os documentos do Vaticano II, o parágrafo 75 da constituição “Gaudium et spes” e de modo particular, a declaração “Dignitatis humanae” sobre a Liberdade Religiosa, não pode não perceber que este concílio acolhe todos os mais importantes princípios do “Anticoncílio” de 1869, do qual, em consequência, queira-se ou não,

vem a constituir-se a continuação ideal, na oposição ao Vaticano I e ao Sílabo”.

E mais uma vez se registra que o Vaticano II está no centro da Crise da Igreja.

D. António de CASTRO MAYER

Fonte:

Monitor Campista, 10/03/1985

Heri et Hodie, nº 59, novembro de 1988

Nota:

O anticoncílio ocorreu entre os dias 9 e 10 dezembro de 1869 no Teatro S. Ferdinando de Nápoles. A abertura deveria ocorrer no dia 8 de dezembro, contrapondo o Concílio do Vaticano, porém não foi possível e abriu com um dia de atraso. Segue no link abaixo o conteúdo do anticoncílio: http://www.liberalsocialisti.org/articol.php?id_articol=244



“Medalha comemorativa do anticoncílio maçônico de Nápoles - 8 dezembro de 1869:

- ◆ **EM ROMA:** Pio IX com os bispos para sancionar o Dogma da Infallibilidade Papal no poder temporal;
- ◆ **EM NÁPOLES:** Pensadores livres que concordam contra o fanatismo e a intolerância da Inquisição.”

A RUPTURA, AFIRMADA PELOS PROGRESSISTAS

Hans Küng afirmou: “Comparado com a época tridentina da Contra-Reforma, o Concílio Vaticano II representa, em suas características fundamentais, um giro de 180 graus. É uma nova Igreja, a que nasceu depois do Concílio Vaticano II.”[1]

Yves Congar, um dos “cérebros” do Concílio Vaticano II, admitiu que: “não podemos negar que a [Declaração conciliar sobre a liberdade religiosa] diz materialmente coisas distintas do Syllabus de 1864 e, inclusive, quase o contrário das proposições 15 e 77 a 79 desse documento.”[2] E, em outra parte, diz que no Vaticano II “a Igreja teve pacificamente sua Revolução de Outubro”[3], em referência à Revolução de Outubro na Rússia.

O Cardeal Leo Jozef Suenens, Arcebispo de Bruxelas, afirmou que o Concílio “marca o fim tanto da época tridentina como da era do Concílio Vaticano I. Ele é a Revolução Francesa na Igreja.”[4]

Karl Rahner sustentou que o significado histórico-teológico do Concílio supõe uma ruptura com a tradição da Igreja tão grande, que só é comparável à do início da Igreja primitiva, quando, segundo ele, os discípulos de Jesus com suas iniciativas romperam a continuidade com os ensinamentos de Jesus.[5] afirmou Rahner: Hoje começamos a viver em uma época de ruptura, tão grande como a que houve na passagem da era judaico-cristã para a era pagã-cristã.”[6]

O Pe. Marie-Dominique Chenu, de grande importância para a redação de textos conciliares, escreveu que na História da Igreja o Concílio significa um corte em sua continuidade de quase 1500

anos, pois encerrou a “era constantiniana” do catolicismo.[7]

Bento XVI, quando Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, referindo-se à Constituição Conciliar “Gaudium et Spes” (em conexão com os textos sobre a liberdade religiosa e sobre as religiões do mundo), afirmou que constitui “uma revisão do Syllabus de Pio IX, uma espécie de contra-Syllabus. (...) Contentemo-nos em constatar que o texto exerce um papel de um contra-Syllabus na medida em que ele representa uma tentativa de reconciliação oficial da Igreja com o mundo, tal como se tornou após 1789”.[9] Neste contexto, “a Igreja”, especialmente a partir dos Papas “Pio IX e Pio X”, “adoptou” uma “atitude unilateral” com o mundo moderno, uma “relação obsoleta com o Estado”, que os factos e o Concílio “corrigiram”. [10]

NOTAS:

[1] Citado por Sinke Guimarães, Átila, “Animus Delendi (The Desire to Destroy)”, Tradition in Action, Los Angeles, California, 2001, p. 61.

[2] Yves Congar, “La Crise de L’Église”, Paris, Cerf, 1977, p. 54.

[3] Yves Congar, Le Concile au jour le jour - Deuxième session (Paris, Cerf, 1964), p. 115.

[4] A. Schifferle, Marcel Lefebvre – Ärgernis und Bessinnung – Fragen an das Traditionsverständnis der Kirche (Kevelaer: Butzon & Bercker, 1983), p. 190, nota de rodapé 579.

[5] Karl Rahner, “Theologische Grundinterpretation des II. Vatikanischen Konzils”, em “Schriften zur Theologie”, vol. XIV, Einsiedeln 1980, pp. 287-302.

[6] Idem, p. 297.

[7] Cf. Marie-Dominique Chenu, La fin de l’ère constantinienne, in DUBOIS-DUMÉE, J.-P. ET AL. - Un concile pour notre temps. Journées d’études des informations catholiques internationales. (=Rencontres 62). Editions du Cerf, Paris, 1961, pp. 59-87.

[8] Cf. Philippe Levillain, La mécanique politique du Vatican II, (Paris: Beauchesne, 1975), p. 77.

[9] J. Ratzinger, Les principes de la théologie catholique - Esquisse et matériaux, Tequi, Paris, 1985, pp. 426 ss.

[10] Idem, ibidem.

